



MR 035. Sincretismos, africanismos e religiões afro-brasileiras no século XXI

Coordenador(es):

Mundicarmo Maria Rocha Ferretti (UFMA)

Participantes:

Marilande Martins Abreu (UFMA)

Juliana Loureiro Silva (PPGSA/UFRJ)

Mundicarmo Maria Rocha Ferretti (UFMA)

Debatedor/a:

Hippolyte Brice Sogbossi (UFS)

As religiões afro-brasileiras foram frequentemente encaradas por pesquisadores e devotos como sobrevivência cultural africana. Por outro lado, desde os tempos de Ninas Rodrigues, casas de culto afro-brasileiras têm sido classificadas como sincréticas e acusadas de introduzir em suas práticas religiosas elementos do catolicismo e da cultura indígena. Em consonância com essa visão, alguns terreiros têm sido apresentados como puros, autênticos, dignos de admiração e outros como “misturados” ou “degenerados”, o que os torna mais vulneráveis a discriminações e a perseguições de outras religiões e da Polícia. Embora assumindo formas diversas, o sincretismo foi responsabilizado pelo afastamento de muitos terreiros afro-brasileiros de tradições religiosas e de perda de identidade africana. No Tambor de Mina esse movimento contra o sincretismo assumiu proporções menores e terreiros antigos, considerados tradicionais, continuam entre os principais organizadores de “Festas do Divino”. Na Casa das Minas - terreiro daomeano fundado na primeira metade do século XIX, possivelmente por Nan Agontimé, a festa do Divino Espírito Santo é parte das obrigações para um vodum - a princesa Nochê Sepazim. Nessa Mesa Redonda pretendemos discutir, a partir de experiências de terreiros diferentes, a relação entre sincretismo e africanismos e até que ponto o primeiro tem abalado a identidade africana dos iniciados e contribuído para o declínio dos terreiros envolvidos.

Sincretismo, tradição no tambor de mina: experiências e vivências no terreiro de São Benedito/Justino

Autoria: Marilande Martins Abreu (UFMA)

O Tambor de Mina, religião de matriz africana originada neste Estado tem como modelo a Casa das Minas e a Casa de Nagô, terreiros que simbolizam um tipo específico de Mina: fundado e liderado por mulheres. Essa simbolização do Tambor de Mina foi se transformando à medida que a mina foi sendo assimilada a outras práticas rituais. Uma casa de mina fundada em meados do século XIX, o Terreiro de São Benedito/Justino, se organiza a partir de elementos que caracterizam os chamados terreiros tradicionais, mas, simultaneamente assimila inovações e estabelece sincretismo a partir de laços rituais com terreiros de Candomblé e Umbanda. Essa descrição indica algumas relações que se estabelecem a partir de elementos simbólicos e materiais do Terreiro de São Benedito/Justino, cuja história social expressa uma tradição sincrética e singular, como demonstra sua história, de luta e resistência.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: